



## CULTURAS EM CONTATO: O RURAL NO CENTRO DA CIDADE DE PELOTAS

**SCHNEIDER, Maurício Dias<sup>1</sup>; MENASCHE, Renata<sup>2</sup>**

<sup>1,2</sup> Dep<sup>o</sup> de História e Antropologia – ICH/UFPEL  
Rua Alberto Rosa, 154 – CEP 96010-700 – mauriciodsneider@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O município de Pelotas, desde sua constituição – fomentada pelas indústrias de charque aqui instaladas –, apresenta uma inegável vocação para a cultura urbana. Até o final do século XIX, foi uma das cidades de maior relevância econômica do Estado do Rio Grande do Sul. Nos anos 1880, sua população se equiparava à de cidades como Porto Alegre e São Paulo<sup>1</sup>, que atualmente desfrutam de incomparável relevância quanto à urbanização (MAGALHÃES, 1993). Contudo, ainda hoje, apesar da decadência econômica, Pelotas continua a ser uma referência em urbanidade para a região sul do Estado.

Mas apesar dessa forte influência cultural urbana, podemos evidenciar a presença, também, de uma cultura rural no município. A criação das colônias rurais na Serra dos Tapes deu-se a partir da migração de inúmeras famílias de imigrantes (e seus descendentes) alemães, pomeranos, italianos, franceses, entre outras nacionalidades, para essa região. Suas práticas e valores são diferentes daqueles encontrados nos centros urbanos: a família é bastante valorizada, em detrimento do *indivíduo* – posto em tanta evidência na cultura ocidental contemporânea; o trabalho, as refeições, as festas são todas dimensões da vida social realizadas no seio da família. A “ética camponesa” (WOORTMANN, 1990) difere de forma significativa do sistema de valores presente na cultura urbana. Portanto, pode-se constatar a presença de uma cultura rural nas colônias do município e uma cultura urbana na área central de Pelotas.

Todavia, essas fronteiras não são rígidas. Olhares e idealizações são intercambiados. Sujeitos urbanos valorizam positivamente o consumo de “alimentos do campo”, bem como a vida no meio rural, de uma forma mais ampla (MENASCHE, 2009). Do mesmo modo e com contradições próprias, sujeitos rurais produzem valorizações do meio urbano. Enquanto que os mais velhos, talvez menos afeitos a mudanças, tendem a produzir um discurso que renega o estilo de vida nos centros urbanos, os mais jovens tendem a supervalorizar a cultura urbana e a aproximar-se cada vez mais dela, adotando práticas compartilhadas por sujeitos urbanos ou deixando o campo para viver nas cidades (êxodo rural). Entretanto, como aponta Carneiro (1998, p.3), mesmo a juventude rural vive uma ambiguidade: “de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem”.

Da mesma forma, essas duas culturas não se limitam a seus espaços físicos, interpenetrando-se. Sujeitos urbanos *desfrutam* de áreas antes ocupadas somente por comunidades rurais, criando o que Silva (2009) denomina “núcleos urbanos em área rural”; bem como sujeitos rurais *desfrutam* dos centros urbanos e estabelecem redutos de convívio – segundo a mesma autora, “núcleos rurais em área urbana”.

---

1. Em 1880, “Pelotas teria praticamente a mesma população de Porto Alegre e São Paulo (mas umas dez vezes menor que a do Rio de Janeiro)” (MAGALHÃES, 1993, p.32).

Esses redutos de ruralidade no centro da cidade de Pelotas são, sobretudo, bares e restaurantes localizados junto a terminais de ônibus que ligam a cidade e as colônias.

O presente trabalho busca evidenciar essas relações interculturais no centro da cidade de Pelotas.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O tema do fenômeno do contato intercultural é aqui abordado a partir de uma perspectiva antropológica. Tendo em vista que a cultura é uma teia de significados que o homem mesmo tece (GEERTZ, 1978), buscou-se interpretar os significados presentes nessas manifestações culturais. Os principais “núcleos rurais em área urbana” pesquisados foram o Bar e Restaurante Buchweitz, localizado na rua Marechal Deodoro, e o Bar e Restaurante Liberdade, situado na mesma rua. Esses estabelecimentos têm como propósito central o serviço de restauração e, assim sendo, procurou-se refletir, especialmente a partir da dimensão da comensalidade, sobre a cultura dos colonos<sup>2</sup> que os frequentam. Foi realizado trabalho de campo, tendo-se convivido com os frequentadores dos dois estabelecimentos de modo a tentar apreender os sentidos de suas práticas culturais. Além da observação participante, foram realizadas algumas entrevistas semi-estruturadas e, ainda, lançou-se mão do recurso fotográfico na fase de aproximação do trabalho de campo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao voltarmos o olhar para a forma de alimentação contemporânea no meio urbano, podemos perceber um desconforto e uma desconfiança crescentes com relação aos produtos industrializados, relacionados à presença de elementos desconhecidos na comida. Essa desconfiança acaba por criar uma valorização positiva do alimento *natural*, aquele que não perdeu o vínculo com o meio rural, em que foi produzido, e que por isso não teria se descaracterizado. Se não no nível da prática, ao menos no do discurso pode-se claramente verificar tais ideias. Cria-se “a partir da afirmação da ruralidade enquanto atributo do alimento desejado, uma idealização do campo” (MENASCHE, 2009, p.7). Pode-se, portanto, sugerir que a ansiedade alimentar contemporânea tem como uma de suas facetas a idealização do rural.

Da mesma forma, criam-se idealizações acerca do modo como os camponeses se alimentam. Elegem-se alimentos e formas de alimentação “típicas” da identidade camponesa - ou de identidades étnicas dos colonos (de origem italiana, alemã, etc). No entanto, em geral, o prato tomado por emblemático não corresponde àquele consumido no cotidiano dos colonos, mas pode ser interpretado como prato estereotipado, que remete àquela identidade específica e a nenhuma outra.

Podemos identificar em Pelotas alguns estabelecimentos que oferecem, em

---

2. Segundo Seyferth (1992, p.80), “colono é a categoria designativa do camponês... e sua marca registrada é a posse de uma colônia... a pequena propriedade familiar”. No caso do município de Pelotas, identificamos como colonos os descendentes de imigrantes europeus (alemães, pomeranos, italianos, franceses) – excetuando os portugueses – que vivem e trabalham na terra em unidades de produção familiar, majoritariamente situadas na região da Serra dos Tapes, em cuja ocupação conformaram “as colônias”.

suas refeições, a imagem de uma alimentação colona “típica”. Estamos nos referindo, por exemplo, ao Café Pomerano (situado no meio urbano, na Av. Fernando Osório) ou ao Restaurante Gruppelli (no meio rural, na Colônia Maciel). Os almoços e cafés oferecidos nesses estabelecimentos correspondem ao *emblema*, à idealização que, na cidade, observamos em relação ao rural e à alimentação colona. No entanto, não correspondem à realidade cotidiana dos colonos concretos, que consomem tanto sua própria produção quanto alimentos industrializados e que, certamente, não se nutrem diariamente de forma tão abundante.

Podemos, também – e é o que aqui interessa de modo particular –, situar os “núcleos rurais em área urbana”, na contramarcha desse processo. Tomamos por principais exemplos o Bar e Restaurante Buchweitz e o Restaurante Liberdade<sup>3</sup>. Esses estabelecimentos não se propõem a oferecer à população urbana o consumo de um imaginário rural, mas sim a oportunizar, na cidade, um ambiente colono, destinado aos habitantes do meio rural que por ali passam. Todos eles localizam-se no centro da cidade, junto aos terminais de ônibus com destino às colônias de Pelotas. São frequentados, majoritariamente, por colonos, mas são estabelecimentos públicos, o que possibilita que qualquer um entre e consuma o que desejar, permitindo um trânsito entre sujeitos rurais e urbanos e o contato de suas culturas. Eles rompem com a imagem emblemática, estereotipada da alimentação colona, uma vez que vendem produtos industrializados e servem uma comida mais próxima daquela encontrada no cotidiano desses colonos.

Embora estejam encravados no meio de um centro urbano, esses núcleos simbolizam o mundo rural. Ainda que sejam estabelecimentos comerciais, as relações estão pautadas na amizade e na cooperação. Mesmo que se localizem “na rua”, representam o ambiente “da casa”. Podemos sugerir que ali a comida é semelhante àquela consumida nas casas dos colonos, assim como as relações que ali se realizam. Um dado interessante a ser pensado é a estimativa feita por Seu Almiro Buchweitz, dono do Bar e Restaurante Buchweitz: ele calcula que cerca de 70% dos frequentadores de seu estabelecimento comunicam-se ali em Pomerano.

### 3. CONCLUSÕES

Segundo Max Weber (1968 *apud* JARDIM, 2000, p.31), a etnicidade estaria baseada na crença subjetiva “fundada através de uma igualdade de hábitos e costumes que servem como facilitadores de processos de comunicação e comunização”. A identificação étnica se daria, portanto, pela similaridade das práticas e valores. O contraste com o “outro” faria crescer esse sentimento de pertença a determinada etnia. Dessa forma, o imigrante ou descendente de imigrante alemão pertence a esse grupo étnico porque não pertence nem ao italiano, nem ao francês, nem a nenhum outro. Do mesmo modo, pensando em identidades, o colono se afirma enquanto tal à medida que não é japonês, nem asteca, nem cidadão.

A necessidade ou a sedução do consumo de produtos e serviços que só podem ser encontrados em centros urbanos impele os colonos a fazerem o trajeto do meio rural para o urbano, periodicamente. O contato entre essas duas culturas é uma realidade, portanto. No entanto, isso não faz os colonos perderem sua cultura ou a trocarem pela urbana, mas, antes pelo contrário, o contato serve como um

---

3. Há mais alguns exemplos, como o Bar Hackbart, localizado na rua Santa Tecla. Este não serve refeições, mas, assim como os outros dois, comercializa produtos alimentícios. propulsor para a afirmação da identidade colona.

Podemos evidenciar mais claramente tal assertiva se voltarmos nosso olhar para a faixa etária dos colonos que frequentam esses “núcleos rurais em área urbana”. O que se observa é que a maioria quase que absoluta são pessoas mais velhas, que, provavelmente, adotem para si a identidade colona em qualquer circunstância, estando em meio rural ou urbano. Os jovens, divididos entre as duas culturas (CARNEIRO, 1998), não são encontrados com tanta frequência nesses locais. Isso nos leva a sugerir que tais estabelecimentos, independentemente de se localizarem na cidade, remetem a uma cultura rural, não urbana.

Contudo, por mais que fiquem evidenciadas as distinções entre sujeitos rurais e urbanos e por mais que o contato não sirva para homogeneizar, mas para afirmar as diferenças, é impossível sustentar a idéia de que essas culturas saiam ilesas do contato. A modernidade, de fato, entrou no mundo rural (que, por sua vez, a seu modo, está presente na urbanidade). Os colonos, antes auto-suficientes, passam a buscar nas cidades bens de consumo que não podem encontrar no campo. Entretanto, eles utilizam-se da modernidade a favor de sua própria cultura. Empregam os produtos da cidade, mas, ao mesmo tempo, criam territórios predominantemente rurais em meio urbano. Passam por um processo que Marshall Sahlins (1997) denomina de “transculturação”. Incorporam elementos da modernidade, ao mesmo tempo em que resistem culturalmente, o que culmina na fusão das duas culturas num híbrido diferente das culturas que lhes deram origem.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Maria José. O Idelal *Rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da *et al.* (Org.) **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no Extremo Sul do Brasil**: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade - Chuí/RS. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 493f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. UFPel/Livraria Mundial, 1993.
- MENASCHE, Renata. Percepções do rural à mesa: campo e cidade, comida e imaginário. In: **53º Congresso Internacional de Americanistas**. Cidade do México, 2009.
- SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: Porque a Cultura não é um Objeto em Via de Extinção (Parte I). **Mana**, (3): 1, 47-73, 1997.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, 18, 1998.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio Cultural, Ruralidade e Identidade Territorial: Diversidade na Colônia de Pelotas-RS**. Pelotas: UFPEL, 2009. 228f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

WOORTMANN, Klaas. "Com Parente Não se Neguceia": O Campesinato Como Ordem Moral. **Anuário Antropológico/87**, Brasília, Tempo Brasileiro/UNB, 1990.